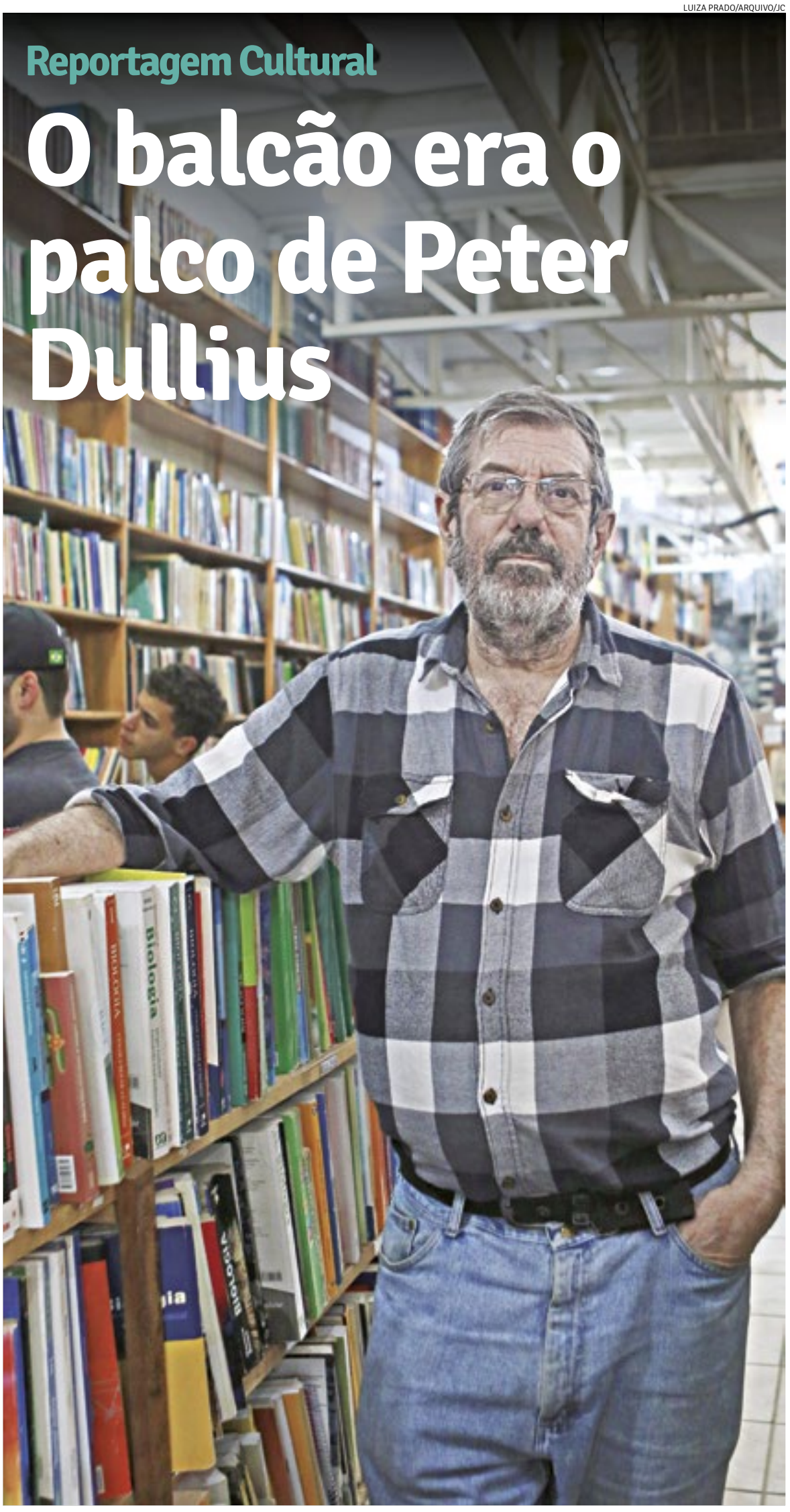
Porto Alegre, 19, 20, 21 e 22 de novembro de 2026 - Nº 15 - Ano 31

viver.

Caderno semanal do Jornal do Comércio

LUIZA PRADO/ARQUIVO/JC



À frente do Beco dos Livros, o livreiro fez de seus sebos no Centro de Porto Alegre lugares de conversa e encontro

Reportagem Cultural

O balcão era o palco de Peter Dullius

Rafael Gloria, especial para JC

Em junho deste ano, Peter Dullius foi a Brasília para uma festa de família que também celebraria seu aniversário. Os filhos que moravam longe estariam lá. Gustavo, o caçula, reside e trabalha na capital do País desde 2010, e Melissa é artista radicada na Alemanha há quase 20 anos. Era uma oportunidade de reunir os três irmãos com o pai, já que Guilherme, o primogênito, também iria. Peter aceitou o convite, mas havia uma condição: a viagem precisava caber no intervalo de seu trabalho no Beco dos Livros. Ele participou da comemoração na sexta-feira e voltou a Porto Alegre no dia seguinte para abrir a loja da Rua dos Andradas.

Os filhos contam que Peter havia se acostumado a receber o público dos fins de semana e não queria faltar. Ele dizia que aos sábados, domingos e feriados, o público normalmente era diferente daquele que percorria o centro da cidade a trabalho. Formado por famílias do Interior, turistas, grupos de amigos, crianças que, possivelmente, entravam pela primeira vez em uma livraria. Gremista, Peter costumava ir aos jogos, mas desde a época da pandemia tinha parado de frequentar o estádio. "Mesmo que o convidasse, no sábado ou no domingo, ele preferia ir à livraria", diz Guilherme.

Melissa aponta a importância do encontro. "Nós conseguimos passar o último aniversário do pai com ele. Foi lindo. O aniversário do pai foi na festa, à meia-noite. Então se cantou parabéns e tudo. Foi muito súbito. Ele não estava doente", diz.

João Pedro Dullius nasceu em Cruzeiro do Sul, no Vale do Taquari, em 1950. Formou-se em Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e trabalhou no Badesul até se dedicar integralmente aos livros. Em 1992, ele e Neiva Maria, então sua esposa, deram início ao Beco dos Livros. A pequena loja da General Vitorino cresceu até se tornar uma rede de sebos conhecida por gerações de leitores de Porto Alegre. Neiva e os três filhos participaram do trabalho. Guilherme permaneceu livreiro. Melissa seguiu para a arte, Gustavo tornou-se servidor público.

Uma curiosidade sobre como João Pedro virou Peter. A origem do apelido, conforme Gustavo, está no começo da vida profissional. "Quando ele chegou em Porto Alegre, no primeiro emprego já havia outros João Pedros, aí ele foi apelidado de Peter e pegou", diz. Só para constar, Peter é a versão em inglês e alemão do nome Pedro.

O balcão era o palco de Peter, dizem os filhos. Havia uma disposição para conversar com quem chegasse, descobrir um assunto, provocar uma reação. A desenvoltura costumava vir sempre acompanhada de um interesse genuíno pelas pessoas. "Então, não é uma metáfora: era realmente o palco. Ele não conseguia ficar longe, porque ali ele aprendia e recebia das pessoas também", diz. Alguns assuntos que Peter compartilhava com entusiasmo podiam ser a visita de uma professora com uma turma de alunos ou de alguém que conhecera na infância e que retornava para o sebo atrás de livros.

Peter morava no Centro e o percurso entre as lojas fazia parte do seu cotidiano. Limpava exemplares, colava capas, colocava preços. Para essa última tarefa, tinha um verbo próprio: 'preciar'. Havia sempre algo a fazer e alguém com quem conversar. Morreu aos 76 anos, em 22 de setembro, quando atravessava a rua Riachuelo com livros nas mãos, a caminho de uma de suas lojas.

A dimensão pública da sua presença surpreendeu os filhos depois da morte. Milhares de mensagens de pessoas em redes sociais, que se lembravam de uma conversa, de uma indicação de leitura, de um livro comprado. Os filhos precisaram aprender a dividir o luto com as lembranças daqueles que também reconheciam em Peter alguém próximo.

Falante no atendimento, ele era discreto sobre si. Melissa diz que não costumava contar como se sentia. Podia passar o dia entre conversas e, ainda assim, preservar uma vida interior pouco acessível. Para entendê-lo, talvez, era preciso também acompanhar o que fazia: as livrarias que construiu, as pessoas que recebia com interesse, o trabalho ao qual regressava. A vontade de estar atrás do balcão havia mudado a vida dele e, desde o início, a de toda a família.

Leia mais na página central